

Jornalistas comunitários no *The Guardian*: os impactos das Olimpíadas de 2016 nas favelas

Lauren Steffen
Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Resumo:

O artigo analisa a participação de jornalistas comunitários de favelas cariocas na série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” do jornal *The Guardian* enquanto testemunhas dos impactos das Olimpíadas de 2016 em suas comunidades. A partir de uma perspectiva teórica, discutimos os elementos norteadores do jornalismo comunitário (PAIVA, 1998) e abordamos o processo hegemônico como um espaço de disputas (WILLIAMS, 1979). Em seguida, tensionamos a presença de vozes locais marginalizadas, representadas pelos jornalistas comunitários na série, em um espaço jornalístico hegemônico e internacional, como o *The Guardian*. Concluímos que, por meio de narrativas subjetivas e dissidentes, os jornalistas comunitários diversificaram as representações sobre o megaevento esportivo. Contudo, sua participação não se deu de forma igualitária e democrática ao longo das etapas de produção da série.

Palavras-chave: Jornalismo comunitário. *The Guardian*. Favelas cariocas.

Community journalists in *The Guardian*: the impacts of the 2016 Olympic Games in favelas

Abstract:

This article analyzes the participation of citizen journalists from Rio de Janeiro's favelas in the series “Rio Voices: our olympic odyssey” (“Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, from Brazilian Portuguese) from *The Guardian* newspaper as testimonies of the impacts of the 2016 Olympic Games in their communities. Based on a theoretical perspective, we discuss the guiding aspects of the citizen journalism (PAIVA, 1998) and approach the hegemonic process as a space of disputes (WILLIAMS, 1979). Then, we tension the presence of marginalized local voices, represented by the citizen journalists in the series, inside a hegemonic and international journalistic company, such as *The Guardian*. We concluded that, through subjective and dissident narratives, the citizen journalists diversified the representations about the sports mega-event. However, their participation did not take place in an egalitarian and democratic way throughout the production stages of the series.

Keywords: Community journalism. *The Guardian*. Favelas of Rio de Janeiro.

Recebido em: 21.12.20
Aprovado em: 21.02.21

Lauren Steffen

Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria. Jornalista no Instituto Federal Farroupilha. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades.

E-mail: lauren.ssteffen@gmail.com

Flavi Ferreira Lisbôa Filho

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos.

E-mail: flavi@ufsm.br

Estudos em Jornalismo e Mídia
v.18, n.1, jan./jun. 2021.
ISSNe 1984-6924

O jornal britânico *The Guardian*, reconhecido historicamente pelo seu investimento na cobertura de fatos internacionais, buscou uma estratégia diferenciada para mostrar os impactos das Olimpíadas de 2016 no Brasil a seus leitores. A série “Vozes do Rio: nossa odisséia olímpica”, divulgada no período de 05 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017 no portal de notícias do jornal na Internet, teve como objetivo fazer com que moradores do Rio de Janeiro refletissem sobre a vida na cidade-sede das Olimpíadas, revelando o impacto dos Jogos de 2016 em seu dia a dia. Ao todo, foram publicados 21 relatos, em formato de diário, escritos por três jovens que atuavam como jornalistas comunitários na Rocinha, no Complexo do Alemão e no Complexo da Maré. O *The Guardian* destacou que as contribuições de moradores de favelas afetadas pelas Olimpíadas iriam contribuir para apresentar uma visão abrangente da vida no Rio a seus leitores a partir do testemunho das mudanças vivenciadas nessas localidades.

Diante do espaço concedido a sujeitos marginalizados no discurso jornalístico hegemônico, esse artigo¹ se propõe a analisar a participação dos três jornalistas comunitários de favelas cariocas na série enquanto testemunhas dos impactos das Olimpíadas de 2016 em suas comunidades. Tendo como base uma discussão de ordem teórica, abordamos, inicialmente, os aspectos definidores e norteadores do jornalismo comunitário - suas características, finalidades e compromissos com relação às pautas de grupos sociais minoritários (PAIVA, 1998; PERUZZO, 2007) - para entendermos o papel desempenhado por esses colaboradores locais na série e a abordagem proposta pelo *The Guardian* para evidenciar os impactos do megaevento esportivo nas favelas cariocas. Em seguida, exploramos os contornos do processo hegemônico enquanto um espaço de disputas (WILLIAMS, 1979; MORAES, 2010). Na sequência, tensionamos a presença de vozes locais, representadas pelos relatos dos jornalistas comunitários na série, em um espaço jornalístico global, como o *The Guardian*. Por fim, concluímos com o apontamento das limitações e potencialidades dessa estratégia discursiva, que buscou em colaboradores comunitários a possibilidade de mostrar de forma diferenciada os impactos de um megaevento esportivo.

Pelas lentes da comunidade

Diante da centralidade do discurso jornalístico na legitimação de pautas sociais, a ação de atores e movimentos sociais se constrói cada vez mais tensionada pela exigência de um tipo de visibilidade pública atribuída pela lógica dos meios de comunicação. Ao mesmo tempo, estes atores também absorvem e reelaboram tais lógicas, transformando a esfera jornalística em um espaço simbólico de conflitos e negociações, submetido permanentemente às tensões contraditórias dos interesses econômicos e políticos que circulam na sociedade (COGO, 2004). Para a autora, através da busca dessa visibilidade, essas micropolíticas cotidianas vão demandando a inclusão de uma multiplicidade de demandas simbólicas e materiais na agenda pública.

No entanto, essa luta por espaço e reconhecimento nos meios de comunicação é caracterizada por poderes desiguais de legitimação social. Logo, a cidadania compreende manifestamente uma dimensão política, uma vez que o problema está em quem pode exercê-la e em que termos. Para Nunes (2007), a questão está, de um lado, na cidadania como direito e, de outro, na (in)capacitação política dos cidadãos, em razão do grau de acesso aos meios sociais de participação. A assimetria que marca a distribuição dos recursos materiais e simbólicos, inclusive os comunicacionais, faz com que determinados grupos sejam excluídos ou desproporcionalmente incluídos nos processos midiáticos. “A exclusão na produção social de informação e, logo, de comunicação destitui

¹O artigo traz parte dos resultados da tese de uma das autoras, intitulada “Favelas cariocas no *The Guardian*: a cultura vivida e as representações dos impactos das Olimpíadas Rio 2016”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

esses grupos do direito de decisão, participação e exercício da cidadania” (NUNES, 2007, p.113).

Nessa perspectiva, Brignol (2018) argumenta que a multiplicidade de modos de apropriação das mídias é marcada pela capacidade de produção de sentido dos sujeitos, estando condicionada pelas restrições tecnológicas e pela desigualdade econômica e social no acesso, cada vez mais presentes em novas formas de exclusão em um contexto de centralidade da mídia na significação do mundo. Assim, além de não estarem à disposição de todos os sujeitos da mesma forma, os espaços hegemônicos de mídia configuram os sentidos de acordo com suas lógicas, interesses e estruturas de produção.

Nesse cenário, o jornalismo comunitário torna-se um espaço alternativo para a vazão de reivindicações sociais urgentes de grupos marginalizados pela grande mídia. Para Pena (2005), ele atende às demandas de cidadania e serve como instrumento de mobilização social, afastando-se de uma abordagem simplificada sobre a realidade. Desse modo, o jornalista de um veículo comunitário procura enxergar com os olhos da comunidade, esforçando-se para que haja uma real apropriação do grupo nos processos de mediação social. Marques de Melo (2006) acrescenta que deve se estruturar e funcionar como um meio de comunicação autêntico de um grupo, isto é, deve ser produzido pela e para a comunidade. Assim, o veículo comunitário não deve ter dono, pois pertence à comunidade, que o reconhece como sendo seu e, por isso, o protege e dele participa ativamente (PERUZZO, 2007). Dessa forma, a autora defende que é recomendável que alguns princípios norteadores sejam levados em conta para sua prática, como a participação ativa e democrática, o caráter público, a autonomia, a gestão coletiva, o vínculo com a cultura local e a inexistência de interesses financeiros. Ainda na visão de Peruzzo (2007), como a mídia comercial se torna cada dia mais globalizante e universalista, o tratamento dos assuntos passa a ser genérico e nada específico, fazendo com que o local e o regional sejam pautados apenas caso se enquadrem em certos critérios, como os de originalidade, repercussão, conflito e raridade. Cabe, na maioria das vezes, à mídia comunitária encontrar as tonalidades locais para repercutir assuntos da atualidade.

O jornalismo comunitário, ao dar vazão às demandas de um contexto específico, se torna um instrumento de resistência e de organização, impondo-se como garantia de espaço e de voz para grupos socialmente excluídos. Para Peruzzo (2006), seu sentido político reside no fato de ser uma expressão de segmentos marginalizados da população, mas que estão em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política a fim de lutar por justiça social. Portanto, a proximidade entre as pessoas do local é uma característica fundamental do meio comunitário, uma vez que as pessoas devem se conhecer e se reconhecer nos seus problemas, angústias, alegrias e ritos cotidianos (SEQUEIRA; BICUDO, 2007). A linguagem, por sua vez, reflete essa vivência mais próxima, sendo comumente mais coloquial, de fácil entendimento, reconhecível em suas gírias e expressões.

No caso do *The Guardian*, não há esse nível de proximidade e familiaridade com as adversidades locais. Pelo contrário, existe um considerável distanciamento do jornal e de seus leitores com relação ao contexto das favelas cariocas, se constituindo, portanto, em um olhar estrangeiro sobre essas comunidades. Os jornalistas comunitários na série parecem ser acionados como uma “ponte” entre o jornal e as mazelas vividas nessas localidades, buscando nessas vozes nativas as informações e detalhes que, de outra forma, estariam fora de seu alcance. Trata-se de uma tentativa de aproximação do jornal com questões estranhas ao seu contexto de origem, que é mediada por esses jornalistas comunitários. Esses colaboradores locais, por sua vez, constroem seus relatos não para seus conterrâneos, mas para um público leitor distante, majoritariamente europeu. No que diz respeito à linguagem, se a série fosse direcionada a moradores de favelas cariocas, ela não estaria

disponibilizada em língua inglesa, nem haveria a preocupação em explicar gírias e expressões locais.

Sequeira e Bicudo (2007) acrescentam que a prática comunitária se caracteriza pela valorização da realidade local, pela participação da comunidade durante todo o processo de produção, pela consagração das ideias de mobilização e transformação, pelo resgate do viés pedagógico e educativo e, por fim, pela articulação com a produção independente e de resistência. Essa participação ativa e autônoma durante todo o processo de produção não ocorre na série veiculada pelo *The Guardian*, uma vez que há determinações da esfera jornalística no que diz respeito às suas condições de produção, edição e circulação. Portanto, as decisões editoriais não são tomadas de acordo com as necessidades da comunidade, mas conforme os interesses do próprio veículo. O jornalista comunitário, diferentemente, sente-se responsável pelo produto final, desde a sua idealização.

Comparando com a mídia hegemônica, que aborda preferencialmente assuntos gerais e temas globais, o jornalismo comunitário assume a tarefa de focar em pautas mais localizadas e restritas, que se relacionam com grupos específicos. Como afirma Paiva (1998), o veículo comunitário surge como resposta prática às necessidades que tem a região de conhecer seus problemas a partir de um discurso próprio, em que os temas de interesse são ditados pelas demandas da comunidade. Dessa forma, não basta se dirigir a uma audiência próxima, usar a mesma linguagem ou falar das coisas do lugar, pois estas tarefas também poderiam ser reproduzidas pelos padrões da mídia hegemônica. A diferença da comunicação comunitária está no vínculo identitário com a comunidade na qual está inserida, o que promove o sentimento de pertencimento, o espírito de cooperação e a reciprocidade de interesses e de reivindicações (PERUZZO, 2006). Seu objetivo final é, assim, contribuir para o empoderamento social progressivo da mídia e a ampliação da cidadania. Paiva (1998) complementa que o veículo comunitário reforça as relações de pertencimento entre os membros do grupo e seu poder reivindicatório, vendo a informação não com um propósito meramente promocional, mas de melhoria da condição de vida do indivíduo.

Apesar de operar através de recortes da realidade, a mídia tradicional não tem como falar a linguagem de todos os locais sobre os quais se refere. Cabe ao comunitário ocupar este espaço vazio e se constituir como eco dos verdadeiros problemas, frustrações e esperanças de uma comunidade (NUNES, 2007). Essa visão mais detalhada sobre um segmento específico faz com que se aproxime de seu público, dialogando com ele com mais profundidade. Isso não significa que o jornalismo comunitário não possa abordar temas mais amplos, como o caso das Olimpíadas 2016, mas busca, nesse percurso, encontrar as conexões e consequências em nível local. Por isso, afirma Paiva (1998), o destaque aos assuntos é dado em função da sua importância para o grupo social, em uma relação direta com o cotidiano das pessoas. Nesse sentido, o *The Guardian* pode ter acionado jornalistas comunitários de favelas cariocas justamente por já desempenharem a função como “vozes locais” em suas comunidades e por se preocuparem em enxergar os fatos a partir das possíveis repercussões nestes locais específicos.

Hegemonia: uma arena de luta

Para Sequeira e Bicudo (2007, p. 11), a narrativa se constitui em um meio eficaz para “estimular a reflexão crítica sobre os mais diversos assuntos, transformando informação em conhecimento e garantindo ao cidadão [...] o direito de participar com consistência dos debates [...] na arena pública”, o que instiga a democratização da informação e a promoção de ações de cidadania. Nessa perspectiva, Paiva (2007) visualiza a narrativa como peça central de uma estratégia de comunicação inclusiva na luta contra-hegemônica empreendida pelas minorias na atualidade. Dessa forma,

o jornalismo comunitário pode ser enquadrado no conjunto de práticas alternativas e contestatórias, que abrem espaço para temas não costumeiramente tratados pela grande imprensa, buscando um olhar “de baixo para cima” que culmine em um novo ordenamento informativo e social. Ao dar voz a quem geralmente não é reconhecido, “ele cria a resistência e o contraponto, elementos de garantia de pluralidade” (SEQUEIRA; BICUDO, 2007, p. 12). Esse compromisso ético, que deveria ser inerente não só ao meio comunitário, mas a qualquer prática jornalística, muitas vezes, é esquecido em função da prevalência dos interesses do mercado sobre o interesse público (KARAM, 2014). O jornalismo comunitário deve possibilitar, assim, “o rompimento com as práticas discursivas que impõem o silêncio e a hegemonia de opinião como é feito comumente na mídia comercial, cuja maioria é declaradamente descompromissada com o interesse coletivo, e indicar novas formas de construção da agenda pública” (NUNES, 2007, p. 112).

Para Williams (1979), a hegemonia é sempre um processo que é constantemente ameaçado e, por isso, precisa ser reforçado. Trata-se do resultado da medição de forças em determinado momento histórico, podendo ser reelaborada, revertida e modificada, em um longo processo de lutas e contestações (MORAES, 2010). Em outras palavras, ela não existe passivamente como forma de dominação, mas atua ativamente por meio da fixação de limites e pressões. Dessa forma, uma hegemonia, embora por definição seja sempre dominante, jamais será total ou exclusiva, pois sofre um efeito significativo de formas alternativas (WILLIAMS, 1979). Nesse sentido, a função da hegemonia é controlar, transformar e incorporar forças opostas. A realidade do processo cultural deve, portanto, atentar para as contribuições daqueles que estão às margens, pois todas as iniciativas, inclusive as alternativas e opostas, integram o hegemônico. Como afirma Williams (1979), a cultura dominante produz e limita suas próprias formas de contracultura. Contudo, nem todas as iniciativas alternativas devem ser vistas como simplesmente adaptativas à cultura hegemônica, porque muitas podem levar a uma atividade revolucionária real.

Moraes (2010) afirma que, para Gramsci, o processo revolucionário da luta de classes não está relacionado apenas às dimensões econômicas e políticas, mas perpassa também uma dimensão cultural potencializada pelos meios de difusão, os quais podem ser capazes de denunciar as estruturas de dominação, aprofundar a consciência das classes oprimidas e demandar a transformação das relações sociais. Dessa forma, Gramsci criticou o alinhamento da grande imprensa na época com o poder, bem como a verticalização do controle das notícias e da opinião pública. Para o autor, a dimensão cultural deveria ser compreendida como uma arena de luta, ressaltando a necessidade de sintonia da imprensa com as causas e anseios do proletariado. Assim, os conteúdos deveriam fazer pensar concretamente e transformar de acordo com um processo que conduziria do senso comum ao pensamento crítico e sistemático (MORAES, 2010, p. 66).

Em síntese, a hegemonia inclui também a disputa pelo monopólio dos órgãos formadores de consenso, como os meios de comunicação. Dessa forma, a existência de veículos comunitários e ainda a participação de jornalistas comunitários na grande mídia é fundamental para o processo hegemônico, na medida em que o desafia e limita. Segundo Moraes (2010), a maior parte da mídia quer reduzir o fluxo de ideias contestadoras, exercendo um controle ideológico que dificulta a participação de outras vozes. Segundo o autor, a assimetria comunicacional - uma ínfima parcela da população é proprietária dos veículos, enquanto a maior parte é apenas destinatária - impõe limitações e obstáculos a grupos dissidentes. No entanto, o campo midiático não é um todo homogêneo, mas é atravessado por sentidos alternativos e contrastantes. São essas ações contra-hegemônicas que instituem o contraditório e a tensão no que parecia uma simples harmonia, podendo reorientar as percepções sobre o mundo vivido e combater racionalidades hegemônicas. O jornalismo comunitário, por exemplo, pode exercer pressão sobre as concepções de

mundo difundidas pela mídia hegemônica, buscando alargar a visibilidade pública de diferentes repertórios ideológicos com vistas a alterar gradualmente as relações de poder na sociedade.

Moraes (2010) defende, assim, a importância de se descentralizar e democratizar os meios de comunicação, bem como incentivar a produção independente de meios comunitários e locais. O autor também vê que existem pontos de resistência nos próprios discursos hegemônicos que abrem horizontes de contestação, valorizando a consciência social, as causas comunitárias e os direitos da cidadania. “A diversificação dos sistemas de comunicação insere-se numa moldura mais ampla, de revigoramento da esfera pública” (MORAES, 2010, p. 74), o que pode contribuir para uma comunicação mais plural e fundada na justiça social. Peruzzo (2007, p. 89) sinaliza que

Democratizar a comunicação implica a ampliação da geração de conteúdos dos setores não-dirigentes e dominantes da sociedade, no aumento do número de emissores, no incentivo à propriedade coletiva, não se restringindo, portanto, à propriedade privada da mídia, dar voz à população. Significa ainda potencializar mecanismos para que qualquer cidadão possa sair da condição de receptor para a de emissor, como sujeito da produção e difusão de conteúdos.

As favelas no *The Guardian*

De 05 de agosto de 2015 a 19 de agosto de 2017, o jornal *The Guardian* veiculou a série “*Rio Voices: our olympic odyssey*” (“Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica” em português). A série é composta por 21 textos escritos, em formato de diário, por três jovens que atuavam como jornalistas comunitários nas maiores favelas cariocas: Michel Silva, da Rocinha, Daiene Mendes, do Complexo do Alemão e Thaís Cavalcante, do Complexo da Maré. A periodicidade das publicações é variável: dois textos foram divulgados em 2015, quatro em 2016 e um em 2017. Conforme consta na descrição da página, a série é um espaço destinado a reflexões de moradores do Rio de Janeiro sobre a vida na cidade-sede das Olimpíadas a fim de revelar o impacto dos Jogos na sua vida diária.

No primeiro relato que escreveram para a série, os três colaboradores se identificaram como jornalistas comunitários e destacaram sua atuação em veículos de comunicação de suas comunidades. No entanto, apenas Michel destacou o fato de estar cursando a graduação na área. O jornalista comunitário da Rocinha colocou que era estudante de Comunicação Social na PUC-Rio e jornalista no Viva Rocinha, especificado como um portal *web* e um jornal comunitário. Thaís ressaltou, em seu relato, que atuava como jornalista comunitária há quatro anos na Maré, local onde nasceu e foi criada. Já Daiene afirmou que dedicava a maior parte de seu tempo para o projeto comunitário Favelê, que busca instigar o hábito da leitura nos moradores da favela, e explicou que se tornou jornalista depois de ter participado de um evento organizado pelo jornal local *Voz das Comunidades*, onde começou a atuar como repórter. Apesar de não terem mencionado, Thaís e Daiene também cursavam Comunicação Social na época, respectivamente, no Centro Universitário Carioca e no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM).

Em entrevista concedida ao blog do programa *Knight Center for Journalism in the Americas* da Universidade do Texas², os três jornalistas falaram sobre a experiência de participar da série. Thaís destacou a importância de poder falar da cultura das favelas, um tema que raramente aparece na mídia comercial, mas que ela considera extremamente rico em sua comunidade. Segundo o blog, esses jornalistas buscaram ir além do que é recorrente na grande mídia, que acaba cobrindo essas localidades, na maioria das vezes, a partir da temática da violência. Daiene relatou que sua motivação para escrever na série era compartilhar o que seus ami-

²Disponível em: <https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-16714-jornalistas-comunitarios-constam-historias-das-favelas-no-contexto-pre-olimpico>. Acesso em: 29 maio 2020.

gos, vizinhos e moradores em geral estavam falando e pensando, claramente se posicionando como uma porta-voz dos anseios de sua comunidade. Além disso, pontuou a importância de se ressaltar o lado positivo das favelas, indo além de temas relativos ao cenário de guerra entre policiais e traficantes. Para ela, dar visibilidade a uma pauta de violência relacionada às favelas é fácil, contudo, afirmou ser raro ver a grande mídia replicar sobre os impactos sociais vivenciados por causa do megaevento esportivo, como as remoções e as alterações nas linhas de ônibus que prejudicam principalmente os trabalhadores mais pobres.

Já Michel afirmou ao blog que existia uma diferença de tratamento quando se identificava como jornalista comunitário ou como correspondente do jornal britânico: “Quando me identifico como jornalista comunitário, os órgãos do governo não são receptivos. Mas quando me identifico como um correspondente do *The Guardian*, a resposta chega rápido”. Isso demonstra que, se de um lado o jornal se beneficia ao ter fontes *in loco* nessas comunidades, esses jornalistas comunitários também se beneficiam ganhando mais reconhecimento e visibilidade ao estarem associados a um jornal hegemônico.

Os jornalistas comunitários tiveram uma participação restrita e tutelada na série, sendo responsáveis apenas pela produção dos relatos sem ter a possibilidade de participar ativa e igualmente das demais etapas de produção da série. Cabe apenas ao *The Guardian* o controle do funcionamento de todos os seus estúdios até a divulgação do produto final, subordinado às suas determinações editoriais e interesses político-econômicos. Essa postura vai de encontro com o próprio modelo defendido pelo jornalismo comunitário, que busca ampliar e democratizar o acesso dos grupos sociais marginalizados aos meios de comunicação. Desse modo, esses jornalistas parecem ter assumido uma posição de subserviência, se adequando às condições colocadas, já que são raras as vezes em que são vistos e ouvidos pela mídia hegemônica. Por mais que aproveitem esse espaço para dar visibilidade às demandas de suas comunidades, assumem uma posição domesticada no processo, dentro das limitações impostas pelo *The Guardian*. Parece, assim, haver um tom e uma afinação específicos para “as vozes do Rio” na série.

Assim, mesmo que esses jornalistas comunitários tivessem a capacidade e o interesse de construir suas narrativas nos formatos mais tradicionais do jornalismo, em forma de notícia ou reportagem, por exemplo, eles tiveram que se adequar ao formato de diário estabelecido pelo *The Guardian*. No geral, os relatos possuem a mesma estrutura e tamanho, isto é, são divididos em uma sequência de trechos curtos vinculados a datas específicas, em uma narrativa fragmentada e escrita em primeira pessoa, cujo título é representado por uma frase selecionada do texto desses jornalistas a critério do próprio jornal. Esse modelo faz com que tais relatos se enquadrem em um padrão de narrativa mais subjetivo, reflexivo e informal, como se fossem uma espécie de testemunho, o que pode ter servido, intencionalmente, para demarcar uma diferença em relação às narrativas mais objetivas elaboradas diariamente pelos profissionais do *The Guardian*.

Nesse mesmo viés, torna-se relevante problematizar a nomenclatura utilizada pelo jornal para se referir a esses três colaboradores. Inicialmente, esses sujeitos são chamados de “blogueiros”, o que demonstra uma tentativa do *The Guardian* de diferenciação entre esses colaboradores e os jornalistas do seu quadro profissional, uma vez que, enquanto “blogueiros”, passam a ser identificados como qualquer pessoa que possui um blog e publica informações regulares sobre determinado tema, e não necessariamente como jornalistas. Após um ano de veiculação da série, o jornal passa a se referir a esses sujeitos como “jornalistas comunitários” e “jovens repórteres”. Parece abandonar, assim, a nomenclatura “blogueiros”, passando a reconhecer esses sujeitos enquanto jornalistas, mesmo que deixando claro suas especificidades, como o fato de trabalharem em veículos comunitários e de serem ainda jovens, o que, de certa forma, ainda mantém a separação entre esses indivíduos e os jornalistas do próprio *The Guardian*.

Nessa relação assimétrica de poder, o periódico britânico se beneficia de várias formas, construindo uma imagem positiva diante de seus leitores, como um jornal que dá voz às minorias sociais. Além disso, faz uso desses jornalistas comunitários enquanto fontes *in loco*, conseguindo informações detalhadas do dia a dia das favelas diretamente de quem está dentro dessas localidades. Ainda é preciso acrescentar que dificilmente o correspondente do jornal conseguiria produzir sozinho relatos com a mesma frequência e com o mesmo nível de profundidade sobre os impactos do megaevento esportivo no cotidiano das três maiores favelas do Rio de Janeiro. Logo, o uso desses jornalistas comunitários facilitou o próprio trabalho do correspondente e ainda trouxe uma perspectiva exclusiva e diferenciada para a cobertura da competição.

É preciso destacar ainda que, em nenhum momento, esses jornalistas comunitários são alçados ao nível de correspondentes, pois não tomam o lugar de Jonathan Watts, correspondente do jornal na América Latina na época. A série se constitui, nesse sentido, em um espaço tutelado para esses jovens estudantes de comunicação, os quais funcionam enquanto fontes, preciosas, por sinal, pela familiaridade e pelo fácil acesso a essas localidades. No entanto, a série não tem o objetivo de conceder um espaço democrático e independente, já que as “vozes” das favelas cariocas ficam subordinadas às lógicas definidas pelo jornalismo hegemônico.

Assim, considerando a discussão teórica sobre jornalismo comunitário realizada anteriormente, fica claro que a série “Vozes do Rio: nossa odisseia olímpica”, do *The Guardian* não se enquadra dentro das características do jornalismo comunitário, uma vez que apenas se apropria de vozes locais como fontes de informação, mas não são elas que estão à frente da produção da série, nem são elas seu público-alvo. Na produção comunitária, o público deixa de ser um depositário de informações e passa a ser visto como protagonista, isto é, composto por sujeitos ativos na construção do discurso jornalístico. Em outras palavras, constitui-se como a expressão de uma comunidade por meio da qual os próprios indivíduos possam manifestar seus interesses comuns e suas necessidades mais urgentes, isto é, uma comunicação que tem o povo como protagonista e como destinatário. “Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor [...], mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de produtor e difusor de conteúdos” (PERUZZO, 2006, p. 10). Nesse sentido, a autora argumenta que esses meios têm grande potencial para contribuir com o desenvolvimento da cidadania: tanto pelos conteúdos que difundem, como pela participação dos cidadãos na própria feitura do processo comunicacional. A série não oportunizou aos jornalistas comunitários uma real apropriação discursiva, já que não foi concedida a eles a possibilidade de participar integralmente de todas as etapas de produção, ocupando um papel restrito e pré-definido pelo jornal.

Ao longo de todas as publicações da série disponíveis no site, não foi possível ver textos, fotos ou vídeos enviados por outros moradores de favelas, a não ser as contribuições feitas pelos próprios jornalistas comunitários escolhidos pelo jornal. Desse modo, verifica-se que a diversidade representada pela expressão “moradores de favelas” ficou resumida na série às visões construídas por esses jornalistas comunitários. É fundamental pontuar que esses jornalistas comunitários representam uma parcela muito pequena dos residentes de favelas, uma vez que tiveram acesso ao ensino superior, além de dominarem o uso das tecnologias digitais, condições que os diferenciam consideravelmente da grande parte dos sujeitos que vive nessas comunidades. É preciso salientar também que não foram escolhidos por suas comunidades para as representarem na série, mas foram selecionados conforme critérios estabelecidos pelo próprio jornal. Em outras palavras, sua representatividade comunitária na série não é baseada na opinião dos residentes das favelas, mas é construída e legitimada pelo *The Guardian*. Desse modo, parece que não

são todos os moradores de favela que teriam espaço dentro da série, mas somente aqueles que possuíssem o perfil adequado para facilitar sua realização.

A escolha desses jornalistas comunitários pode ser justificada devido a sua aderência às comunidades, afinal, nasceram, foram criados e ainda moravam nessas localidades, vivenciando tal realidade diariamente e, portanto, tendo legitimidade para falar a respeito; além disso, se constituem em uma estratégia pertinente para o veículo ao possuírem familiaridade com as lógicas jornalísticas, já que cursavam a graduação na área e atuavam em meios de comunicação comunitários na época. Logo, é como se o jornal tivesse recorrido a vozes locais específicas para construir “as vozes do Rio”. São locais, porque, de fato, são ecoadas de favelas cariocas. Contudo, parecem funcionar como “vozes de ligação” entre essas comunidades e o resto do mundo, pois foram as vozes escolhidas para serem ouvidas e compreendidas neste contexto por apresentarem determinadas características. Desse modo, apesar de compartilharem o mesmo cenário de marginalização social com os demais moradores de suas comunidades, assumem uma posição diferenciada, pois conseguiram ir além, tendo acesso a oportunidades que raramente são concedidas a esses sujeitos. É como se fossem próximos e distantes das favelas ao mesmo tempo, isto é, constituem-se como uma fonte legítima e capacitada para falar sobre o que acontece do lado de dentro para quem vive do lado de fora, uma vez que transitam entre esses espaços socialmente desiguais.

Devido a essas condições diferenciadas, esses jornalistas comunitários podem ter inclusive a capacidade de desenvolver um posicionamento mais crítico e de resistência, construindo relatos mais densos sobre os impactos do megaevento esportivo em suas comunidades. Apesar de todos os moradores de favelas cariocas sentirem cotidianamente as repercussões do megaevento esportivo, nem todos compartilham a mesma consciência crítica diante das injustiças sofridas. Por esse motivo, a escolha por esses jornalistas comunitários na série pode ser positiva pelas oportunidades diferenciadas que tiveram com relação à educação formal, por exemplo, o que pode contribuir para que falem em nome dos demais moradores de suas comunidades, representando suas demandas e reivindicando mudanças, já que a maioria não teria condições de se expressar de acordo com as exigências de um jornal hegemônico e, por isso, não ganharia nem visibilidade em uma série como a proposta pelo jornal britânico.

O *The Guardian* revela ainda que esses jornalistas, para sua própria segurança, foram limitados ao tocar em assuntos como gangues e tráfico de drogas, mas não revela se isso significa que houve alguma proibição ou edição prévia por parte do jornal ou se os próprios moradores optaram por não falar diretamente sobre esses temas com receio de sofrerem represálias. No relatório publicado pela ComCat sobre a cobertura da mídia *mainstream* internacional das favelas cariocas durante o período de 2008-2016, consta que outra possível delimitação da série aos jornalistas comunitários parece ser “um claro mandato para se concentrarem em suas comunidades” (COMCAT, 2016, p. 57), uma vez que, apesar de eventualmente se referirem a outras favelas cariocas em seus relatos, eles acabam inevitavelmente enfatizando aspectos relativos aos locais onde moram. Essa definição do jornal, se por um lado faz com que os relatos sejam mais específicos, também restringe a possibilidade desses jornalistas comunitários discutirem perspectivas de outras comunidades, que podem trazer novas nuances para o complexo quadro vivido nesses contextos.

O espaço concedido às visões de moradores de favelas do Rio de Janeiro sobre os impactos dos Jogos no seu dia a dia se deu de forma pontual e restrita ao espaço específico de uma série especial em uma seção determinada dentro do portal de notícias do *The Guardian*. Em outras palavras, trata-se de uma estratégia aparentemente inovadora, que pode contribuir para a circulação de novas narrativas sobre megaeventos esportivos, mas que se constitui como um recurso regulado

pelas lógicas jornalísticas de uma instituição de notícias global e hegemônica. Isso significa que não cabe a esses jornalistas comunitários definirem o formato, os critérios e as dinâmicas de produção, edição e circulação de seus relatos, uma vez que são as lógicas e os parâmetros editoriais do *The Guardian* que determinam e moderam essas formas de participação. Portanto, não é possível afirmar que há um rompimento de barreiras entre o comunitário e o global na série, mas há, na verdade, uma tímida inserção do local moldado pela ótica de um jornal hegemônico.

A análise³ das limitações e das potencialidades desses tensionamentos torna possível compreender que o acionamento de jornalistas comunitários, enquanto estratégia discursiva, promoveu, de fato, a construção de representações mais plurais no discurso jornalístico sobre o megaevento esportivo, mas não foi acompanhada de relações democráticas de participação dessas vozes marginalizadas ao longo do processo de produção da série. Além disso, tal iniciativa contribuiu para a construção de uma imagem positiva para o jornal diante de seus leitores, como um veículo atento às demandas de grupos sociais minoritários. Contudo, essa realidade local veio empacotada pelo olhar estrangeiro, enquanto um objeto de consumo para um público-leitor majoritariamente branco, europeu e de classe alta.

Considerações finais

O tensionamento das características teóricas do jornalismo comunitário realizado no artigo possibilitou a problematização das relações que se estabeleceram na série entre vozes locais marginalizadas, representadas pela participação dos jornalistas comunitários de favelas cariocas, e as lógicas de um jornal global e hegemônico como o *The Guardian*. Por meio da análise, é possível concluir que, quando um jornal de magnitude global como o *The Guardian* convida jornalistas comunitários de três favelas cariocas para participarem de uma série específica sobre os impactos dos Jogos Olímpicos 2016 em sua rotina diária, ele não está deixando de fazer parte da mídia hegemônica e atuando como mídia comunitária, pois não é pautado original e intrinsecamente pelas demandas de uma comunidade específica. Da mesma forma, esses sujeitos convidados pelo jornal não atuam como jornalistas comunitários na série, uma vez que seguem as lógicas do *The Guardian* e não a dos meios comunitários nos quais trabalham em suas comunidades. Além disso, não possuem autonomia total no processo de criação, produção e divulgação desses conteúdos.

Com essa estratégia, o *The Guardian* parece ter buscado um caminho para que pautas marginalizadas fossem retratadas a partir de um ângulo local na imprensa internacional, abrindo uma brecha, controlada e demarcada, para representações alternativas dentro desse espaço jornalístico dominante. Por um lado, reconhece a relevância do papel desses jornalistas comunitários em suas comunidades e sua possível capacidade de retratar de forma mais plural e complexa temas tão particulares, concedendo espaço a vozes locais em um ambiente jornalístico predominantemente global e hegemônico. Por outro lado, a escolha deliberada de três jornalistas comunitários, com a finalidade de relatar na série os impactos do megaevento esportivo no dia a dia dos moradores do Rio de Janeiro, pode ter sido motivada pela própria familiaridade que esses sujeitos possuem com as lógicas jornalísticas, o que facilita a adaptação e a adequação de seus relatos aos padrões do próprio jornal. Por meio dessa estratégia, o *The Guardian* consegue cumprir seu objetivo de forma mais produtiva e eficiente, otimizando tanto seus recursos humanos quanto seus recursos financeiros.

Por meio da análise do processo de produção da série e das representações construídas sobre os impactos das Olimpíadas Rio 2016, não foi possível verificar a participação democrática dessas vozes marginalizadas ao longo das etapas de produção da série, o que restringiu a possibilidade de uma colaboração mais ativa e

³A análise completa da série e das representações construídas sobre os impactos das Olimpíadas Rio 2016 encontra-se na tese defendida por uma das autoras, nos capítulos 4 e 5.

autônoma ao longo da integralidade do processo; de outro, contudo, constatou-se a disseminação de representações mais plurais e alternativas sobre o megaevento esportivo, demonstrando que a inserção dos jornalistas comunitários contribuiu para oxigenar o discurso jornalístico na medida em que trouxeram à tona novos matizes sobre os impactos das Olimpíadas 2016. Portanto, apesar de se tratar de uma concessão do hegemônico com intenções específicas, o espaço da série não deixou de ser uma oportunidade bem aproveitada pelo contra-hegemônico, já que os jornalistas comunitários o utilizaram como uma plataforma para denunciar os impactos sofridos em suas comunidades e para dar vazão a suas demandas e reivindicações.

Dessa forma, a participação de jornalistas comunitários parece se constituir como uma estratégia discursiva que oportuniza o reconhecimento público de vozes sociais minoritárias e de perspectivas alternativas da realidade, o que aproxima ainda mais o discurso jornalístico das culturas vividas, especialmente daquelas que não são vistas nem ouvidas, cumprindo, de fato, com seu papel social. Salientamos, contudo, a necessidade que iniciativas futuras sejam desenvolvidas com base em relações de participação mais democráticas, em que esses sujeitos possam exercer maior autonomia sobre todas as etapas do processo de produção de seus discursos, desenvolvendo de forma autoral e criativa toda sua potência crítica e ocupando espaços de visibilidade que ampliem o reconhecimento público de suas reivindicações. Em outras palavras, é importante explorar as potencialidades da inserção de vozes marginalizadas no discurso jornalístico, mas, da mesma forma, é essencial romper as limitações impostas pela mídia hegemônica nesse processo, buscando alternativas que integrem as contribuições do contra-hegemônico de forma mais ativa e aberta.

Referências

BRIGNOL, Liliane Dutra. Tecnicidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias. **Intexto**, Porto Alegre, n. 43, p. 119-134, setembro/dezembro 2018.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. *In: IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM*, 2004, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

COMCAT, Comunidades Catalisadoras. **Favelas na Mídia**: como a vinda da imprensa global na era dos megaeventos transformou a imagem das favelas. Dezembro/2016. Disponível em: <http://comcat.org/wp-content/uploads/2016/12/Relatorio-Favelas-Na-Midia-ComCat.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2019.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 2014.

MARQUES DE MELO, José. **Teoria do jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo, Paulus, 2006.

MORAES, Denis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010.

NUNES, Márcia Vidal. Rádios comunitárias: exercício da cidadania na estruturação dos movimentos sociais. *In: PAIVA, Raquel (Org.). O retorno da comunidade*: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 95-118.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum**. Comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis: Vozes, 1998.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. *In*: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 133-148.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2005.

PERUZZO, Cicilia Maria K. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. *In*: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2006, Brasília. **Anais** [...] Brasília: UnB, 2006.

PERUZZO, Cicilia Maria K. Rádio comunitária, educomunicação e desenvolvimento. *In*: PAIVA, Raquel (Org.). **O retorno da comunidade**: os novos caminhos do social. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 69-94.

SEQUEIRA, Cleofe; BICUDO, Francisco. Jornalismo comunitário: conceitos, importância e desafios contemporâneos. *In*: XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2007, Santos. **Anais** [...] Santos: Unisanta, Unisantos, Unimonte, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.